

Um Rapaz Chamado

# NATAL

Um livro  
mágico e  
imperdível!



«Ideal para crianças  
dos 9 aos 99, este é um  
novo clássico de Natal.»

*The Guardian*

AUTOR BESTSELLER INTERNACIONAL

# MATT HAI G

Ilustrações de CHRIS MOULD

## *Um rapaz normal*



stás prestes a ler a verdadeira história do Pai Natal.

Sim. Do Pai Natal.

Podes perguntar-te como sei a verdadeira história do Pai Natal, ao que respondo dizendo que não deverias questionar as coisas dessa forma. Não logo no início de um livro. Para começar, é falta de educação. Só precisas de saber que conheço a história do Pai Natal — se assim não fosse, porque estaria eu a escrevê-la?

Talvez não lhe chames Pai Natal.

Talvez lhe dêš outro nome qualquer.

São Nicolau, ou Santa, ou Santa Claus, ou Sinterklaas, ou Kris Kringle, ou Pelznickel, ou Papa Noël, ou Estranho de Barriga Grande Que Fala Com Renas e Me Dá Presentes. Ou talvez lhe chames um nome que tenhas inventado, só por diversão. No entanto, se fosses um elfo, chamar-lhe-ias sempre Pai Natal. Foram os duendes que maliciosamente começaram

a chamar-lhe Santa Claus e espalharam este nome, só para confundir toda a gente.

Mas, independentemente do que lhe chames, sabes que ele existe, e isso é o mais importante.

Consegues acreditar que houve uma altura em que ninguém sabia da sua existência? Um tempo em que ele mais não era do que um rapaz normal chamado Nicolau, que vivia bem no meio do nada, ou no meio da Finlândia, e cuja relação com a magia se resumia a acreditar nela? Um rapaz que sabia muito pouco sobre o mundo, se excetuarmos o gosto de uma sopa de cogumelos, a sensação do vento frio do Norte e as histórias que lhe contavam. E que só tinha um boneco feito de nabo para brincar.

Porém, a vida de Nicolau ia mudar, de formas que nunca poderia ter imaginado. Iam acontecer-lhe coisas.

Coisas boas.

Coisas más.

*Coisas inimagináveis.*

Mas, se fores uma daquelas pessoas que acham que certas coisas são impossíveis, deves largar de imediato este livro. Certamente, ele não é para ti.

Porque este livro está cheio de *coisas impossíveis e inimagináveis.*



Ainda estás a ler isto?  
Ótimo.  
(Os elfos ficariam orgulhosos.)  
Então vamos começar...

## O filho de lenhador



Nicolau era um rapaz muito feliz. Bem, na realidade não era. Ele ter-te-ia dito que era feliz se lho tivesses perguntado, e não há dúvidas de que ele *tentava* ser feliz, mas às vezes ser-se feliz é algo bastante complicado. Penso que o que quero dizer é

que o Nicolau era um rapaz que acreditava na felicidade, da mesma forma que acreditava em elfos e duendes, mas ele nunca vira efetivamente um elfo, um troll ou sequer um duende, e também nunca tinha conhecido a verdadeira felicidade. Pelo menos, não durante muito tempo. A sua vida não era tão fácil assim. Veja-se o caso do Natal.

Aqui tens uma lista de todos os presentes que o Nicolau recebeu no Natal. Em toda a sua vida:

1. Um trenó de madeira.
2. Um boneco que era um nabo esculpido.

Mais nada.

A verdade é que a vida do Nicolau era dura. Mas ele tirava o maior proveito dela.

Não tinha irmãos ou irmãs com quem brincar, e a cidade mais próxima — Kristiinankaupunki (*Cris-ti-nan-cau-pun-qui*) — ficava muito distante. Demorava-se mais a lá chegar do que a pronunciar o seu nome. E, de qualquer forma, não havia muito que fazer em Kristiinankaupunki, a não ser ir à igreja ou ver a montra da loja de brinquedos.

— Papá! Olha! Uma rena de madeira! — costumava sobressaltar-se o Nicolau ao colar o nariz contra a montra da loja de brinquedos.

Ou:

— Olha! Um elfo de brinquedo!

Ou:

— Olha! Um peluche do rei!

Uma vez até perguntou:

— Ofereces-me um?

Olhou para cima, para o rosto do pai. Um rosto longo e magro com sobranceiras espessas e hirsutas e de pele mais rugosa do que sapatos velhos à chuva.

— Sabes quanto custa? — perguntou o Joel, o seu pai.

— Não — respondeu o Nicolau.







E então o pai ergueu a mão esquerda, com os dedos esticados. Tinha apenas quatro dedos e meio na mão esquerda devido a um acidente com um machado. Um terrível acidente. Com muito sangue. E talvez não devêssemos falar disso muito mais, já que esta é uma história de Natal.

— Quatro rublos e meio?

O pai pareceu chateado.

— Não. *Não*. Cinco. Cinco rublos. E cinco rublos por um elfo de brinquedo é demasiado dinheiro. Dava para comprar uma cabana com esse valor.

— Pensei que as casas de campo custassem cem rublos, papá.

— Não te armes em esperto, Nicolau.

— Pensei que tivesses dito para tentar ser esperto.

— Não neste momento — retorquiu o pai.  
— De qualquer forma, para que queres um elfo de brinquedo quando tens aquele boneco de nabo que a tua mãe fez? Não podes fingir que o nabo é um elfo?

— Sim, papá, claro — respondeu o Nicolau, pois não queria contrariar o pai.

— Não te preocupes, filho. Vou trabalhar tanto que um dia serei rico e, nessa altura, poderás

ter todos os brinquedos que quiseres. Teremos um cavalo *a sério*, com a nossa própria carruagem, e poderemos ir à cidade como um rei e um príncipe!

— Não trabalhes demasiado, papá — disse o Nicolau. — Também tens de te divertir às vezes. E estou satisfeito com o meu boneco feito de nabo.

Mas o pai dele tinha de trabalhar muito. Cortar madeira durante todo o dia, todos os dias. Trabalhava do nascer ao pôr do sol.



— O problema é que vivemos na Finlândia — explica o pai, no dia em que a nossa história começa.

— Mas não é na Finlândia que vive toda a gente? — perguntou o Nicolau.

Era de manhã. Dirigiam-se para a floresta e passavam pelo velho poço de pedra para o qual nunca podiam olhar. O chão estava coberto por uma fina camada de neve. O Joel levava um machado às costas. A lâmina cintilava ao frio sol matinal.

— Não — respondeu o Joel. — Algumas pessoas vivem na Suécia. E há umas sete pessoas que vivem na Noruega. Talvez cheguem a oito. O mundo é bastante grande.

— Então, qual é o problema de vivermos na Finlândia, papá?

— As árvores.

— As árvores? Pensei que gostasses delas. É por isso que as abates?

— Mas aqui há árvores por todo o lado. Por isso, ninguém paga grande coisa por... — O Joel interrompeu-se. Olhou à volta.

— Que foi, papá?

— Pensei ter ouvido uma coisa. — Não viam nada a não ser bétulas, pinheiros, arbustos e urzes. Um minúsculo pássaro de peito

vermelho pousou num ramo. — Não deve ter sido nada — prosseguiu o Joel, pouco seguro.

O pai do Nicolau olhou para um pinheiro gigante e pressionou a mão contra a sua casca áspera.

— É este.

Começou a dar golpes e o filho deu início à sua recolha de cogumelos e bagas.

O Nicolau tinha apenas um cogumelo no cesto quando vislumbrou um animal ao longe. Ele adorava animais, mas só costumava ver aves, ratos e coelhos. Por vezes via um alce.

Mas aquele era maior e mais forte.

Um urso. Um urso castanho gigante, cerca de três vezes maior do que o Nicolau, apoiado nas patas traseiras, usando as dianteiras enormes para levar bagas à boca. O coração do Nicolau começou a bater descompassadamente, de tanta excitação. Decidiu aproximar-se para ver melhor.

Avançou silenciosamente. Já estava bastante perto.

*Eu conheço aquele urso!*

O momento aterrador em que percebeu que conhecia o urso também foi quando pisou num ramo que se partiu. O urso voltou-se e fitou-o.

O Nicolau sentiu algo prender-lhe o braço, com força. Virou-se e viu o ar zangado do pai.



— Que estás a fazer? — sussurrou ele. — Queres morrer?

O pai apertava-lhe o braço com tanto vigor que lhe doía. Mas então soltou-o.

— Sê a floresta — murmurou o Joel. Era algo que ele sempre dizia quando havia perigo. O Nicolau nunca soube o que aquilo queria dizer. Limitava-se a ficar imóvel. Mas era demasiado tarde.

O Nicolau recordou-se de quando tinha seis anos e estava com a mãe — a sua mãe tão alegre, musical e rosada. Tinham ido buscar água ao poço quando viram o mesmíssimo urso. A mãe dissera-lhe para voltar a correr para a cabana, o que o Nicolau fizera. Ela não.

O Nicolau viu o pai segurar o machado com mais intensidade, mas as mãos tremiam-lhe. Puxou o Nicolau para trás, para as suas costas, prevendo a possibilidade de o urso investir contra eles.

— Corre — disse-lhe o pai.

— Não. Vou ficar contigo.

Não era claro se o urso iria atacá-los. Provavelmente não. Talvez fosse demasiado velho e estivesse cansado. Mas rugiu-lhes.

Precisamente naquele momento, ouviu-se um som sibilante. O Nicolau sentiu algo contra

a orelha, como uma pena veloz. Um segundo depois, uma flecha com uma pena cinzenta atingiu a árvore situada junto à cabeça do urso. O animal pôs-se de quatro e afastou-se.

O Nicolau e o Joel olharam para trás, tentando descobrir quem lançara a flecha, mas só se viam pinheiros.

— Deve ser o caçador — declarou o Joel.

Uma semana antes, haviam encontrado um alce ferido por uma flecha de pluma cinzenta idêntica. O Nicolau fizera o pai ajudar o pobre animal. Observara-o a juntar neve e a comprimi-la à volta da ferida antes de arrancar a flecha.

Continuaram a perscrutar as árvores. Ouviu-se um ramo a partir-se, mas não viram ninguém.

— Muito bem, *Natal*, vamos — disse o Joel.

Não lhe chamavam aquilo havia muito tempo.

Antigamente, o pai costumava fazer piadas e divertir-se. Tinha o hábito de dar alcunhas a toda a gente. A mãe do Nicolau era *Pão-Doce*, embora o seu nome fosse «Lilja», e o próprio Nicolau tinha a alcunha *Natal*, pois nascera nesse dia. O pai dele até gravara aquela alcunha no trenó de madeira.

— Olha para ele, *Pão-Doce*, o nosso pequeno *Natal*.

Agora, quase nunca lhe chamava aquilo.



— Não andes por aí a espiar ursos, está bem? Ainda arranjas sarilhos. Fica ao pé de mim. Não há dúvida de que ainda és uma criança.

Mais tarde, depois de o Joel ter estado a cortar lenha por uma hora, sentou-se num toco de árvore.

— Eu posso ajudar-te — ofereceu-se o pequeno Nicolau.

O pai ergueu a mão esquerda.

— É isto o que acontece quando miúdos de 11 anos usam machados.

Por isso, Nicolau manteve os olhos presos ao chão, à procura de cogumelos, e perguntou-se se ter 11 anos alguma vez seria divertido.



## *A cabana e o rato*



cabana onde o Nicolau e o Joel viviam era a segunda mais pequena de toda a Finlândia.

Tinha apenas uma divisão. Por esse motivo, o quarto também servia de cozinha, de sala e de casa de banho.

Na verdade, não havia casa de banho. Não havia sequer uma sanita. A sanita era apenas um buraco enorme lá fora. A casa tinha duas camas, com colchões cheios de palha e penas. O trenó ficava sempre no exterior, mas o Nicolau mantinha o boneco de nabo junto à cama, para se lembrar da mãe.

O Nicolau não se importava. O tamanho de uma casa, por menor que fosse, não era importante desde que se tivesse uma grande imaginação. E o Nicolau passava o tempo a fantasiar e a pensar em coisas mágicas, como duendes e elfos.

A melhor parte do dia dele era a altura de ir para a cama, pois era quando o pai lhe contava uma história. Um pequeno rato castanho,



que o Nicolau batizou como *Micas*, esgueirava-se para o calor da cabana e também costumava ouvir.

O Nicolau gostava de pensar que o *Micas* estava a ouvir, mas, na realidade, ele estava apenas a fantasiar com queijos. O que exigia muita imaginação, já que o *Micas* era um rato dos bosques e não havia vacas ou cabras naquela floresta, logo nunca vira ou cheirara queijo, muito menos provara algum.

Mas o *Micas*, como todos os ratos, acreditava na existência do queijo, e sabia que haveria de saber muito, muito bem, se alguma vez tivesse a oportunidade de o provar.

O Nicolau ficava ali deitado, no alegre aconchego da roupa da cama, a ouvir com atenção as histórias do pai. O Joel aparentava estar sempre cansado. Tinha círculos à volta dos olhos. Parecia ganhar um novo todos os anos. À semelhança das árvores.

— Então — disse o pai naquela noite —, que história queres hoje?

— Uma história sobre elfos.

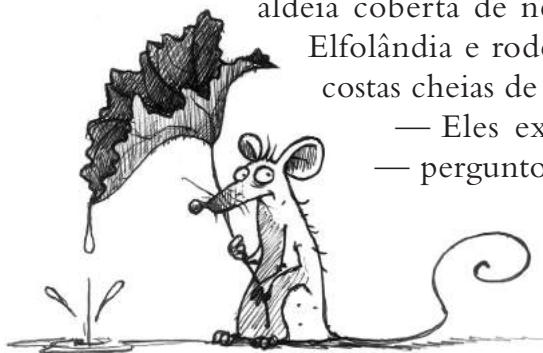
— *Outra vez?* Pedes isso todas as noites desde os teus três anos.

— Por favor, papá. Gosto de ouvir falar sobre eles.

Por isso, o Joel contou uma história sobre os elfos do Extremo Norte, que viviam para lá da única montanha da Finlândia, uma montanha secreta de cuja existência algumas pessoas duvidam. Os elfos viviam numa terra mágica, uma aldeia coberta de neve chamada Elfolândia e rodeada por encostas cheias de árvores.

— Eles existem, papá?

— perguntou o Nicolau.



— Sim. Nunca os vi — respondeu o pai, com sinceridade —, mas acredito que existem. E, às vezes, acreditar vale tanto quanto saber.

E o Nicolau assentiu, mas o rato *Micas* discordou, ou assim seria se tivesse compreendido. Se tivesse percebido, teria dito: «Prefiro provar queijo de verdade a apenas acreditar nele.»

Mas, para o Nicolau, aquilo era suficiente.

— Sim, papá, eu sei que acreditar vale tanto quanto saber. Acredito que os elfos são simpáticos. E tu?

— Também — respondeu o Joel. — E eles usam roupas coloridas.

— *Tu* usas roupas coloridas, papá!

Era verdade, mas as roupas do Joel eram feitas de restos de tecidos que lhe dava o alfaiate da cidade. Costurara ele próprio calças feitas de retalhos multicoloridos, uma camisa verde e — o melhor — um enorme gorro vermelho com um rebordo de pelo branco e um pom-pom de algodão também branco.

— Ah, sim, é verdade, mas as minhas roupas estão a ficar velhas e puídas. As roupas dos elfos têm sempre um aspeto impecável e...

O Joel calou-se.

Ouviu-se um barulho lá fora. E, pouco depois, bateram três vezes à porta.

**E**stás prestes a ler a verdadeira história do PAI NATAL. Sim. Do Pai Natal.

Mas, se fores uma daquelas pessoas que acham que certas coisas são impossíveis, larga já este livro, porque ele está cheio de coisas impossíveis e inimagináveis.

Ainda estás a ler isto?  
Excelente!  
Os elfos ficariam orgulhosos.



**booksmile**  
livros que saltam à vista  
20|20 editora

ISBN 978-989-8849-18-2

9+



9 789898 849182

Literatura Juvenil

